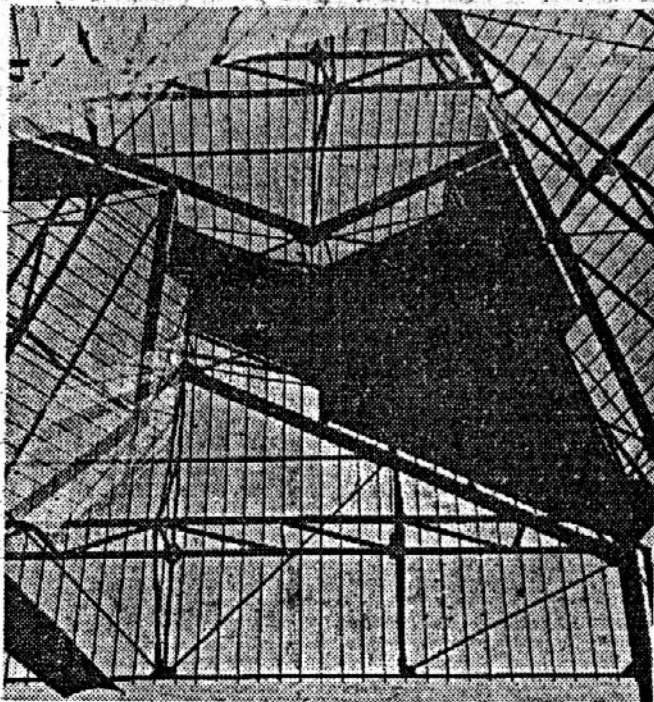


DIÁRIO DE S. PAULO  
17/12/1951

# No Museu de Arte fotoformas de Geraldo de Barros

Inaugurou-se ontem, na pequena sala de exposições periódicas do Museu de Arte, uma exposição de "fotoformas" de Geraldo de Barros.



Fotoforma de Geraldo de Barros

Jovens artistas que procuram orientar suas pesquisas dentro das tendências da arte contemporânea, têm encontrado no Museu de Arte a melhor acolhida e o verdadeiro estímulo para concretizar as aspirações artísticas. Na pequena sala de exposições periódicas, onde já expuseram Mario Cravo, Karl Hansen, Caribé e Schaeffer, agora figuram as "fotoformas" de Geraldo Barros. Apesar de pintor, desenhista e gravador, Geraldo tendo se dedicado à fotografia, procurou dar um sentido novo às suas realizações. No catálogo da exposição ontem inaugurado, o sr. P. M. Bardí, diretor do Museu, procurou frisar as principais características dos trabalhos de Geraldo:

«Geraldo vê, em certos aspectos ou elementos do real, especialmente nos detalhes geralmente escondidos, sinais abstratos fantasiosos olímpicos: linhas que gosta de entrelaçar com outras linhas numa alquimia de combinações, mais ou menos imprevisas e

às vezes ocasionais, que acabam sempre compondo harmonias formais agradáveis. A composição é para Geraldo um dever, ele a organiza, escolhendo no milhão de segmentos lineares que percebe, sobrepondo negativo sobre negativo, modulando os tons de suas únicas cores que são o branco e o preto, reforçando as tintas, naquele seu trabalho de laboratório tão cuidado e agradável. Os mestres de Geraldo são os pintores que renunciaram à figura, de Kandinsky a Mondrian a Billé e daqueles mundos de conteúdo tão vago e misterioso, pobre e renunciário e ao mesmo tempo tão ambicioso e infinito para o iniciado, ele atinge uma linguagem pura, ainda indistinta, mas todavia uma linguagem de artista. A palavra é dirigida a outros iniciados que, por enquanto, procuram nas composições estados de alma análogos mas indetermináveis. Geraldo fotografa de má

vontade o real, diria que não o compreende, e, sem contorná-lo, procura nele descobrir purezas úteis a suas meditações: linhas depuradas a meio de revelações e luzes reduzidas a esquemas das quais é impossível reconstruir as origens. Em lugar da pintura, modo ainda entrosado aos antigos empreendimentos do verismo, o nosso artista se vale da fotografia, que é, sim, um meio ligado ao mais mecânico dos verismos, mas que se presta a transformar a sensação numa expressão sem artisticidade, pura derivação de sombras e porisso mais ligada à abstração, por nada manual e porisso menos individual, despersonalização da individualidade, espécie de absoluto arromântico, mas todavia romantismo dos mais definíveis. Geraldo, agora, vai à Europa, com uma dessas bolsas de estudo tão de moda nos séculos. Antigamente ia-se a Roma, depois a estrada mudou, e vai-se a Paris. No «hortus conclusus» de suas «fotoformas», como um grupo de iniciados chama esta expressão fotográfica, Geraldo poderá acrescentar as últimas novidades dos audazes que, como de costume, se reúnem em Paris. E será uma viagem útil, não uma destas viagens de que se viram os resultados no século passado, quando os pintores foram esquentar sem proveito os bancos das diversas academias Julien, ignorando ferozmente que desde 1833 morrera Manet e que viviam Cézanne e Van Gogh.